


Tema: <b>Sector Vitivinícola</b>					Âmbito: <b>Nacional</b>	Tiragem: <b>121344</b>
Título: <b>É possível fazer mais com menos dinheiro – Entrevista a Luís Ramos</b>					Temática: <b>Generalista</b>	GRP: <b>11.7</b>
2006/12/22	<b>JORNAL DE NOTÍCIAS – ESPECIAL</b>	Pág.38	Imagem: 1/1		Periodicidade: <b>Sem periodicidade</b>	Inv.: <b>3400.00</b>

entrevista

# "É possível fazer mais com menos dinheiro"

**T**rabalhou na CCRN e é professor na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Como especialista das questões do ordenamento do território e observador da realidade local, Luís Ramos tem analisado os problemas e as causas do secular atraso no Alto Douro Vinhateiro. Divide o seu tempo entre a política e a investigação.

**O Douro está excessivamente dependente da paisagem e do vinho, em vez da fixação do emprego como gerador da riqueza. É essa uma das causas da perda da população?**

[Luís Ramos] Sim, é a falta de emprego e de iniciativas empresariais que levam ao abandono da população. Como se sabe, o Douro vive essencialmente do vinho e das actividades agrícolas, sendo estas actividades a principal fonte empregadora da região, além dos serviços públicos e do pequeno comércio. Mas, estes sectores estão encadeados na principal actividade económica que é o vinho. O esvaziamento demográfico tem a ver com a pobreza.

**Aludiu o vinho e agricultura como essenciais, mas a região não tem gerado emprego e muitos trabalhadores mudam-se para outras regiões. Entre 1981 e 2001, o Douro perdeu cinco habitantes por dia. É uma fatalidade?**

Não é, mas a actividade agrícola deixou de ser atractiva e os mais jovens não encontram no sector as expectativas de futuro. O que tem faltado no Douro são actividades económicas capazes de criar riqueza e mais-valias regionais. No Douro, faltam pólos industriais, formação, organização. A sociedade do conhecimento de base tecnológica ainda não chegou ao território.



**“A região tem de criar uma voz única e deixar de lado velhas querelas sem sentido”**

**O turismo é a tábua de salvação do Douro?**

Pode e deve ser uma actividade importante, mas não pode ser a única. Há um longo caminho a percorrer em termos de actividades ligadas às indústrias dos sectores extractivos capazes de devolver mais-valias à região.

**Num estudo recente, afirmou que a região recebeu investimentos públicos e privados estimados em cerca de 2,5 mil milhões de euros, mas a região continua a marcar passo em termos de desenvolvimento. Porquê?**

Porque os investimentos foram feitos sem planeamento e de forma desconcertada. Repare: o Douro continua a ter inúmeras carências em termos de acessibilidades e infra-estruturas. Estou convencido de que teria sido possível fazer muito mais e melhor com menos dinheiro investido.

**No Douro Património Mundial, o discurso continua a ser a várias vozes, com demasiados departamentos e organismos da Administração Central sem poder de intervenção. É o centralismo lisboeta que manda na região?**

Sim, a fragmentação dos diferentes organismos leva a uma desconcentração e dispersão dos programas anunciados. Com uma agravante: as políticas mudam de objectivos e estratégias ao sabor dos governos. O Douro já teve vários programas de desenvolvimento e alguns nunca saíram do papel. Porquê? Porque foram desenhados nos gabinetes do Terreiro do Paço.

**O Estado central tem insistido numa visão paternalista em vez de envolver os agentes locais?**

Sim e, mais grave do que isso, o Estado tem uma posição burocrática do desenvolvimento.

**O Douro apostou mais no betão em vez de na formação e na inovação?**

Pois foi, e hoje estamos a pagar um preço demasiado elevado. Por outro lado, a região tem de criar uma voz única e deixar de lado velhas querelas sem sentido.